

PANCADAS NA CABEÇA

As dificuldades na formação
e na prática da medicina

Ana Lucia Coradazzi
Ricardo Caponero

PANCADAS NA CABEÇA

As dificuldades na formação e na prática da medicina

Copyright © 2018 by Ana Lucia Coradazzi e Ricardo Caponero

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Michelle Neris**
Projeto gráfico: **Crayon Editorial**
Capa: **Alberto Mateus**
Diagramação: **Santana**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

MG Editores

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.mgeditores.com.br>
e-mail: mg@mgeditores.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3873-7085
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Prefácio	II
1. Para começar... ..	15
2. Por que ser médico?	18
3. A escolha da profissão	19
4. Vocação para a medicina	22
5. A formação do médico	26
6. Por que a educação médica é difícil?	27
7. Problemas na formação	30
<i>O tempo</i>	30
<i>Brincar de médico</i>	34
<i>O mau preparo</i>	34
<i>A falta de mestres/modelos</i>	36
<i>Residência médica e a técnica</i>	38
<i>Esconder-se no jargão</i>	41
8. Dificuldades na formação do médico	44
9. Primeiro contato com a morte	46
<i>Anatomia</i>	48
<i>Pronto atendimento</i>	50
<i>Enfermaria/ambulatório/consultório</i>	53

10.	O lado emocional da questão	55
	<i>A origem das emoções</i>	57
	<i>Como lidar com as próprias emoções</i>	59
11.	O exercício da medicina	63
	<i>As diferentes posturas</i>	64
	<i>Os colegas</i>	76
	<i>Nossos parentes e familiares</i>	78
	<i>Médico também é gente</i>	80
	<i>Angústias e incertezas</i>	82
	<i>Preconceitos</i>	86
	<i>Cansaço/esgotamento (“burnout”)</i>	89
	<i>Fadiga por compaixão</i>	92
12.	Sobrevivência: a medicina como negócio	95
	<i>O investimento</i>	95
	<i>A remuneração</i>	97
13.	O seu lugar no mundo	100
14.	Mulheres na medicina	102
	<i>A difícil tarefa de ser médica e mulher</i>	104
	<i>Mães médicas</i>	106
15.	Pancadas na cabeça	109
	<i>As relações institucionais</i>	111
16.	Como lidar com tudo isso	114
17.	Alguns problemas de maior relevância	116
	<i>A comunicação com o outro</i>	116
	<i>Gente é um “bicho” complicado</i>	119
18.	O outro lado do diálogo	122
	<i>A dificuldade de falar com quem não se conhece</i>	124
	<i>O paciente</i>	126

	<i>Cada paciente é único, e se acha o único</i>	127
	<i>A família do paciente</i>	128
19.	A medicina como relação comercial	131
20.	“Oops”	133
	“Erar é umano”	134
	<i>Aspectos jurídicos do exercício da profissão</i>	136
21.	Internet e mídias sociais	142
	<i>Exposição nas mídias sociais</i>	144
	<i>A velocidade da informação</i>	147
	<i>Divulgação científica na imprensa leiga</i>	149
22.	O que teríamos feito diferente	151
23.	Por fim, mas não por último	154
	Referências	156

Prefácio

Que pancadas são essas?

CHEGA às MINHAS mãos – melhor dizendo, à minha caixa de e-mails – o rascunho deste livro, junto com um amável convite para escrever um prefácio. Sem abrir o anexo, aceito de bate-pronto, porque o remetente merece essa imediata atenção. São grandes a amizade e o respeito profissional que nos unem. Ao ler o título, vem a pergunta: que pancadas são essas?

Leio com atenção o sumário – condição imprescindível quando se enfrenta qualquer livro – e comprovo uma perfeita dissecação da prática médica. Um sumário sugestivo, apetitoso, um elenco de tópicos clássicos, mas ainda não intuo de que pancadas os autores estão falando; porém, eu já tinha levado a primeira.

Ao ler o sumário, recordei-me imediatamente de um magnífico livro que li há muitos anos, na versão espanhola, que tinha um título instigador: *El buen hacer médico*. Adveio a faísca e estava por iniciar os comentários a esses tópicos – as ideias surgindo em cascata irreprimível – quando lembrei: “Um momento, você está escrevendo um prefácio e não um comentário à obra”. Tive de parar, foi a segunda pancada.

A seguir, deparo com a introdução, o motor de arranque, a motivação que leva os autores a escrever. De coração aberto, confessam que mesmo com um fatorial bem elaborado, os tópi-

cos do sumário, o produto dista muito daquilo que deveria ser. São as dificuldades profissionais. As tais pancadas que o título aponta e agora descobrimos. *Pancadas na cabeça* é o resultado inesperado de um projeto que deveria sair redondo, mas... não sai, entorta, dista muito da teoria perfeita que fazia prever um final feliz. Feliz? Alice no país das maravilhas? Mas distante da realidade. O papel aceita tudo, e em educação médica há muito papel, toneladas de papel, reformas curriculares, modelos novos de educação e, no final, cadê o produto que eu almejava? Pancadas! Nada é mais desconcertante do que o caso concreto. A frase é clássica, mas parece que a autoria deve ser creditada a Eça de Queiroz, mestre do realismo contundente.

O que fazer? Utilizar os entraves, dificuldades, equívocos, erros para aprender. Sábia decisão dos autores. Fazer limonada do limão. Eles advertem textualmente: “Ao ler e reler as páginas deste livro, durante o processo de redação dos textos, muitas vezes deparamos com fatos, informações e percepções que poderiam ter modificado nossas decisões durante a vida. Em nenhum momento tivemos a intenção de publicar um mapa para o exercício perfeito da medicina, ao contrário. Vimos em nossos erros e acertos a oportunidade de trocar experiências e crescer com elas. Da troca veio a percepção das coisas que poderiam ter facilitado nossa vivência profissional, e seria um desperdício não compartilhá-las aqui. Que fique claro que as colocações listadas a seguir são de cunho absolutamente pessoal e, portanto, não devem ser interpretadas como um guia prático. Foram escritas para ser degustadas, criticadas, ruminadas e, se for o caso, totalmente descartadas”.

Essas palavras me conduziram para o que penso ser o verdadeiro destino do livro. Um guia para a reflexão em conjunto.

Pode-se ler o livro sozinho, e fará pensar. Mas me atrevo a sugerir uma função que, em meu modo de ver, o tornará mais fecundo: um roteiro para discussão, uma base para os *workshops* que permita refletir sobre como ensinam e o resultado que entregam. Como disse o médico e educador americano Paul Batalden, “todo sistema está perfeitamente desenhado para produzir os resultados que oferece”. Não podemos simplesmente reclamar do produto; temos de revisar o processo de fabricação, que, certamente, é defeituoso.

Desse modo, cada item exposto neste livro servirá como base da discussão. Sumariamente, porque não buscam os autores dar soluções, mas apenas trazer à tona as questões e problemáticas que como médicos eles enfrentaram na formação e enfrentam na vida profissional. É um verdadeiro roteiro para o método do caso.

O desconcertante do caso concreto – agora em frase francesa invocada pelos autores: “Dans la médecine, comme dans l’amour, ni jamais ni toujours” (na medicina, como no amor, nem nunca nem sempre). O imprevisto na medicina, decorrente da singularidade do ser humano, felizmente imprevisível, faz do médico um ser criativo, que se adapta, que utiliza a flexibilidade do seu bem-fazer médico como um artista. Por isso o médico deve ser um humanista na acepção clássica do termo. Como me dizia recentemente um amigo, prestigioso cirurgião plástico, “a medicina é uma arte que, por vezes, serve-se da técnica”.

Se na medicina não há o nunca nem o sempre, e impõe-se a criatividade do artista, vale invocar outro francês, numa variação de seu pensamento, para colocar um ponto-final nestas linhas: “Je pense, donc je suis... Alors, je suis médecin”. Vale o conselho como largada dessas reflexões educacionais: não busque respos-

tas rápidas, refine as perguntas que você terá de fazer a si mesmo, reflita, pense. E sentirá as pancadas como golpes de martelo, que vão esculpindo o perfil do produto – do médico – que queremos formar.

PABLO GONZÁLEZ BLASCO

Médico, Ph.D e diretor científico da Sociedade Brasileira de
Medicina da Família e Educação Médica (Sobramfa)

I. Para começar...

CADA UM DE nós escreveu um livro que, em resumo, trata de nossas experiências cotidianas ao longo de anos de prática da medicina, de contato com nossos pacientes. Compartilhando de muitas ideias em comum, surgiu a proposta de escrevermos uma obra em conjunto, voltada a jovens médicos e baseada na “vida como ela é”.

Quando pensamos em escrever um livro, sempre precisamos pensar se ele será útil, se ajudará alguém, se acrescentará algo, ou se será só mais um punhado de folhas de papel que ficará juntando poeira nas prateleiras de alguma livraria. Em nossa opinião, os livros hoje disponíveis têm sempre um foco meramente informativo, e pouco se fala da imensa quantidade de “pancadas na cabeça” que acabamos tomando até aprender a lidar com as dificuldades inerentes ao nosso amadurecimento profissional.

Claro que um livro impresso ou eletrônico jamais substituirá a atividade prática supervisionada. Ler manuais e praticar muito num simulador de voo não serão atividades suficientes para formar um piloto até que ele entre, de fato, num avião de verdade. Nenhum manual de voo, mesmo que mostre os erros e as catástrofes, vai substituir a vivência presencial, dentro do avião. Mas é claro que bons manuais e bom treino no simulador farão que se esteja muito mais bem preparado para enfrentar o “mundo real”.

Assim, acreditamos estar contribuindo com uma parte do processo, relatando, de peito aberto, o que vivemos, de fato e de verdade, ao longo de nossa vida profissional, e esperamos com isso que outros possam se beneficiar dessa experiência. Claro que cada um terá de trilhar o próprio caminho, mas é mais fácil enfrentar as dificuldades quando alguém nos alerta sobre elas. Assim não somos pegos de surpresa, despreparados. Acreditamos que podemos fazer um livro bem melhor, mais honesto, e que seja, de fato, de alguma ajuda. Se não for o caso, num próximo livro poderemos discutir mais um de nossos fracassos. Como diz a frase atribuída a Thomas Edson: “Não falhamos, só descobrimos a milésima forma como as coisas não deram certo”.

Não pretendemos fornecer uma “receita de bolo”, nem um manual do “faça isso” ou “faça aquilo”. Nem “dourar a pílula” e contar as proezas e maravilhas que fizemos. Quando tudo dá certo é ótimo, mas a vida, e a medicina em particular, não são assim.

Ambos tivemos, durante nossa formação dentro de hospitais universitários, a oportunidade de participar de reuniões que versavam sobre complicações e óbitos (ou seja, erros e fracassos), e essas talvez estejam entre as atividades que mais contribuíram para o desenvolvimento do bom senso na vida profissional que se seguiria depois. Em tais reuniões, parte-se do princípio de que nesses centros de formação os profissionais são extremamente qualificados e que se pratica um atendimento cientificamente impecável. Claro que nos dias atuais a restrição de recursos tornou essa situação utópica, mas mesmo num mundo ideal, na prática médica nem sempre as coisas dão certo.

Mostrar os casos de sucesso só serviria para inflar egos. Quando tudo vai bem, é fácil mostrar as vitórias e esperar pelos louros. Parecemos pescadores mostrando o grande peixe que fis-